

ISRAEL E A MOSSAD

SPIES AGAINST ARMAGEDDON: INSIDE ISRAEL'S SECRET WARS

de Dan Raviv e Yossi Melman (New York: Levant Books, 2012, 353p.)

resenha de Bernardo Wahl G. de Araújo Jorge¹

O tema da atividade de inteligência em geral desperta fascínio e curiosidade e, o da espionagem em particular, diversas controvérsias – mas não é menos fascinante e curioso. Na dimensão prática, operações de inteligência bem sucedidas podem frequentemente comprometer fontes humanas e novas tecnologias de inteligência que levaram anos para serem desenvolvidas. Por causa disso, não é incomum para os serviços de inteligência tentarem criar um deserto de espelhos para protegerem fontes e métodos, o que dificulta conhecer mais detalhes de tais serviços. Porém, há maneiras de tentar contornar isso, ainda que não completamente.

No caso dos serviços de inteligência de Israel, diversos livros sobre este assunto têm sido publicados. Pode-se citar, como exemplo, três deles: 1) *Mossad: The Greatest Missions of the Israeli Secret Service* (2012) – em uma tradução livre, algo como *Mossad: As Maiores Missões do Serviço Secreto Israelense* – de Michael Bar-Zohar e Nissin Mishal, obra que trata de operações perigosas como a captura de Adolf Eichmann, a erradicação do grupo Setembro Negro, a destruição do reator nuclear da Síria e o assassinato de cientistas nucleares iranianos. 2) *Mossad Os Carrascos do Kidon: A História do Temível Grupo de Operações Especiais de Israel* (2014), escrito por Eric Frattini, aborda dezesseis operações encobertas de assassinato e sequestro realizados pelo Mossad, mais especificamente pela subunidade “Metsada” – Divisão de Operações

¹ Analista e professor de Relações Internacionais, com ênfase em Geopolítica e Segurança Internacional. Possui Bacharelado em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI-USP) e Mestrado Acadêmico em Estudos de Paz, Defesa e Segurança Internacional pelo Programa San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP e PUC-SP).

Especiais – e o Departamento Kidon, responsável pela execução de oponentes. 3) *Spies Against Armageddon: Inside Israel's Secret Wars* (2012) – em uma tradução literal, algo como *Espiões Contra o Armageddon: Dentro das Guerras Secretas de Israel* – dos jornalistas Dan Raviv e Yossi Melman. Este último livro será objeto de análise da presente resenha.

Dan Raviv é um jornalista norte-americano graduado na Universidade Harvard, e tem sido por cerca de trinta anos correspondente da CBS News, divisão de notícias da rede norte-americana de televisão e rádio CBS, cobrindo, entre outros, predominantemente assuntos relativos ao Oriente Médio. Yossi Melman é repórter e colunista de origem israelense, com reputação de notícias de última hora sobre a comunidade de inteligência israelense. Foi bolsista da Fundação Nieman para jornalismo na Universidade Harvard. Juntos, Raviv e Melman escreveram diversos livros – *Behind the Uprising: Israelis, Jordanians, and Palestinians* (1989), o best-seller *Every Spy a Prince: The Complete History of Israel's Intelligence Community* (1990) e *Friends in Deed: Inside the U.S.-Israel Alliance* (1994), além do livro aqui resenhado.

O volume em questão trata da história da inteligência israelense desde a guerra de independência (1948) até o verme de computador Stuxnet (utilizado para sabotar o programa nuclear do Irã). O historiador Douglas Brinkley, em uma das avaliações sobre o livro, afirmou que Raviv e Melman compreendem os trabalhos mais restritos do Mossad melhor do que muitos agentes da própria instituição. Além disso, a revista *Foreign Affairs* afirmou que se trata de jornalismo investigativo do mais alto nível: é a mais ampla avaliação sobre o Mossad elaborada até o momento. Mossad, aliás, significa Instituto de Inteligência e Operações Especiais.

O livro é dividido em 25 capítulos, além de um prólogo, onde os autores afirmam que sua “missão é lançar nova luz sobre eventos históricos” (p. xiii). Os capítulos versam sobre os mais variados assuntos da história dos serviços secretos de Israel. O primeiro capítulo, por exemplo, intitulado “Stopping Iran”, trata dos esforços da inteligência israelense em tentar evitar o desenvolvimento do programa nuclear iraniano. Em parte isso foi realizado através do verme (worm) de computador Stuxnet, uma iniciativa conjunta da Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos, o Mossad e a unidade de tecnologia da Aman – a diretoria de inteligência militar israelense. O Stuxnet, descoberto em 2010, foi usado para sabotar as centrífugas de enriquecimento de urânio do Irã e, assim, atrasar o programa nuclear iraniano em cerca de dois anos (em um

momento no qual ataques militares contra as instalações nucleares iranianas eram avaliados como sendo muitos arriscados). O Stuxnet foi considerado a primeira arma cibernética com significado geopolítico.

Tratou-se de um ataque cirúrgico contra sistemas SCADA (Supervisory Control and Data Acquisition), utilizados em automação industrial, no caso usados para controlar as centrífugas da usina nuclear de Natanz. Tais sistemas SCADA eram fabricados pela empresa alemã Siemens. Assim, tal operação contou com o apoio do BND (Bundesnachrichtendienst), a agência de inteligência estrangeira alemã (a qual é amiga de Israel, em parte tentando apagar as memórias do Holocausto). Em 2011, outro vírus, nomeado Duqu, foi descoberto por analistas de computadores. As características indicaram que fora criado pelos mesmos hackers sofisticados e de alto nível que desenvolveram o Stuxnet: a inteligência dos EUA e de Israel.

No mesmo contexto de sabotar o programa nuclear iraniano, entre 2007 e 2011 cinco cientistas nucleares iranianos de alto escalão foram assassinados por uma variedade de métodos, predominantemente bombas colocadas nas laterais de carros por atacantes em motocicletas – estas sendo praticamente uma marca da unidade de assassinatos do Mossad. Este também conduziu uma campanha de vazamento de informações sobre os laboratórios nucleares iranianos clandestinos e fábricas de armas. A destruição parcial e o atraso do programa nuclear do Irã foram alcançados através de sabotagem e de guerra encoberta de baixa intensidade. Certamente mais do que outros operativos de inteligência ocidentais, os agentes secretos de Israel estão dispostos a buscar e assassinar alvos quase que em qualquer lugar do mundo: de terroristas palestinos nos anos 1970, passando por técnicos nucleares iraquianos nos anos 1980 e chegando aos cientistas nucleares iranianos no despontar do século XXI.

A lição que se pode aprender é que as ações conduzidas contra o Irã demonstraram as marcas únicas das agências de espionagem de Israel: coleta de inteligência, sabotagem, assassinatos, guerra psicológica – e outras medidas ainda mais sigilosas – todas elas refletindo um *modus operandi* que foi projetado, desenvolvido e conduzido pelas agências de segurança de Israel por mais de 60 anos de tentativas, erros e sucessos.

Um traço da espionagem de Israel durante muitos anos é revelado no capítulo três (“Strategic Alliance”): uma relutância em compartilhar material com os seus parceiros, mesmo os mais próximos aliados. Os israelenses acreditavam que eles

possuíam os melhores dados do mundo e tinham dúvidas para onde tais informações iriam se o “ouro” fosse compartilhado.

Pode haver uma condicionante geopolítica para a inteligência de Israel ser tão bem desenvolvida. Além de estar em um ambiente caracterizado por múltiplos conflitos, Israel não possui profundidade estratégica, embora detenha a vantagem de lutar em linhas interiores. Há o risco de ataques simultâneos oriundos de múltiplas direções. Assim, é necessária uma inteligência ativa para antecipar quaisquer ameaças que não possam ser absorvidas pela falta de profundidade estratégica. O centro de gravidade (para lembrar de um conceito de Clausewitz) das capacidades de guerra de Israel são os seus recursos de inteligência.

Outro evento, que não é tratado no livro (pois ocorreu posteriormente ao lançamento), será abordado nesta resenha apenas com o objetivo de complementar a obra. Em oito de julho de 2014, foi inaugurada a “Operação Borda de Proteção” (Operation Protective Edge, em inglês): Israel iniciou, através de ataques aéreos, sua mais recente ofensiva militar na Faixa de Gaza, com o objetivo de conter ataques de foguetes ao território israelense conduzidos pelo grupo Hamas. Dez dias depois, Tel-Aviv começou uma incursão militar terrestre, tendo como meta declarada a destruição da infraestrutura de túneis do Hamas.

Do ponto de vista da atividade de inteligência, a “Operação Borda de Proteção” poderia levar ao seguinte questionamento: como Israel recruta informantes palestinos em lugares difíceis de penetrar como a Faixa de Gaza? Por décadas, as agências de inteligência de Israel contaram com informantes palestinos para obter informações sobre comunidades árabes em Israel e nos territórios ocupados. Tais indivíduos geralmente fornecem inteligência humana ou implantam equipamentos técnicos de vigilância. E por que alguns palestinos colaborariam com a inteligência israelense? No geral, alguns porque foram injustiçados pelo Hamas e outros porque se opõem ao governo de tal grupo na Faixa de Gaza. Outros informantes, como pequenos criminosos, são recrutados através de técnicas tradicionais de inteligência – como armadilhas, ciladas e chantagem. Todavia, a maioria dos recrutados são atraídos por pagamentos em dinheiro: isso pode ser sedutor considerando a alta taxa de desemprego em Gaza.

Em *Spies Against Armageddon*, Dan Raviv e Yossi Melman fizeram um precioso trabalho de coleta de dados e montagem de um quebra-cabeças sobre a inteligência de Israel. De fato, os autores cumpriram com a sua missão de lançar novas luzes sobre

eventos históricos. Trata-se de uma leitura bastante válida que contribui para um entendimento amplo e aprofundado sobre a inteligência israelense. Certamente é o livro de referência na área e, portanto, deve ser lido.